

APRESENTAÇÃO

# Humanidades digitais: textos e tecnologias

Roberlei Alves BERTUCCI 

Universidade Tecnológica Federal do Paraná



OPEN ACCESS

Emanoel Cesar Pires de ASSIS 

Universidade Estadual do Maranhão/Universidade Federal do Piauí

COMO CITAR

Bertucci, R. A.; Assis, E. C. P.;  
Fuão, R. S. E. (2024).  
Humanidades digitais: textos e  
tecnologias. *Revista da Abralin*,  
v. 23, n. 2, p. 189-191, 2024.

Rebeca Schumacher Eder FUÃO 

University of South-Eastern Norway

Nos últimos anos, a tecnologia digital tem influenciado cada vez mais as práticas e os saberes sociais, o que inclui, necessariamente, o universo textual. Mais especificamente, aplicações como o ChatGPT têm se apresentado como um interessante universo de análise (teórica e empírica) sobre o modo como os textos podem ser analisados. Além disso, diversas outras ferramentas apresentam modelos e recursos que trabalham com a língua natural, algo que pode contribuir para a forma como se vê e se analisa a linguagem (Gonçalves *et al.* 2020; Mello; Farinelli, 2017; Freitas, 2022 entre muitos outros). Nesse contexto, o objetivo central desta edição especial é apresentar análises teóricas e empíricas relativas aos modos como a tecnologia digital tem influenciado as análises de textos, sobretudo no cenário brasileiro.

Quando propusemos este número especial à revista da Abralin, afirmamos que a tecnologia é um desafio, mas que ao mesmo tempo traz alternativas à humanidade, seguindo as ideias de Cupani (2016), Ortega y Gasset (1939), Vieira Pinto (2005) e do próprio Manifesto das Humanidades Digitais. Nosso foco era acolher pesquisas que, fundamentalmente, trabalhassem com textos, à luz das tecnologias digitais mais recentes. Nesse sentido, a chamada deixava uma ampla possibilidade de submissão de trabalhos a partir de diferentes bases teóricas, o que efetivamente o leitor vai encontrar nesse número. Além disso, uma variada gama de pesquisadores, de diferentes áreas e diferentes instituições de pesquisa e ensino enriquecem esta edição que destaca a tecnologia como parte da nossa humanidade.

Paula Ávila Nunes discute se ainda haveria lugar para a escrita, num momento em que as inteligências artificiais (IAs) criam textos no lugar de seres humanos. Para a autora, que analisa inclusive a relação desse tema com o ensino, o domínio dessa tecnologia é mais efetivo pelos seres humanos, justamente por causa da subjetividade.

Numa direção parecida, Carolina Fernandes traz uma discussão diretamente relacionada com o impacto que a IA tem em nosso cotidiano, aplicando a noção de autoria para comparar textos produzidos por humanos e por esse tipo de inteligência. Sob a ótica da Análise do Discurso, a autora conclui que a originalidade ainda caracteriza as produções humanas, o que não se verifica em produções automáticas.

Continuando na direção do ensino, Schöninger e Araújo apresentam práticas voltadas à criação de ficção interativa, por meio de um aplicativo. As autoras indicam que os resultados reforçam as possibilidades interativas nessas novas tecnologias, com a possibilidade, no caso estudado, de permitir ao leitor tomar decisões sobre a continuidade e desfecho da narrativa.

Silva e Santos tomam como base uma ferramenta de anotações em meio digital (DLNotes) para analisar os comentários dos estudantes do ponto de vista do processamento de linguagem natural. O estudo piloto pode contribuir, em pesquisas adicionais, para um feedback mais célere ao aluno, bem como pode ajudar o professor no processo de avaliação de textos.

Rodrigues e Biondo analisam o uso de uma plataforma digital para escrita e correção de textos. Com base na pedagogia dos multiletramentos, o texto propõe uma análise sobre as potencialidades e os problemas percebidos na ferramenta, no que diz respeito às correções. Os autores concluem que a plataforma assume um viés estrutural para a correção, o que reforça o seu caráter neoliberal e instrumentista.

Em sua pesquisa com corpus do Instagram, Hissa analisa padrões discursivos e relações lógico-semânticas presentes em frames dessa rede. A autora conclui que os leitores tendem a perceber tais frames como autônomos do ponto de vista do seu sentido. Além disso, a permanência do leitor no ambiente é estimulada tanto pela novidade quanto pela imprevisibilidade, características dessa e de outras redes sociais.

Movendo de ambiente, mas continuando em redes sociais, Guerra e Pereira verificam as noções de gênero discursivo, hipergênero e suporte textual, no Facebook. Os autores concluem que, enquanto a rede pode ser entendida como suporte, a página do Facebook é um hipergênero e o gênero post é um gênero discursivo ali presente.

Ainda caminhando no espaço das redes sociais, Josiowicz, Deusdará e Summers examinam a prática discursiva ao se nomear “Marielle Franco” no Twitter. Os autores concluem que essa prática está diretamente relacionada com a memória e o luto, contribuindo decisivamente para a reafirmação da identidade coletiva, relacionada também com o modo de se falar interseccionalmente de opressão.

Com base em Vieira Pinto e nos aspectos relativos ao Humanismo Digital Crítico, Soares, Azevedo e Barcat analisam dois jogos classificados como advergames. O texto conclui que, embora contribuam para a construção de semioses argumentativas, não desenvolvem um pensamento crítico capaz de romper com a lógica capitalista.

Vee e Corrêa, em seu relato de experiência, sugerem a possibilidade de se construir pontes entre os saberes humanos e os conceitos técnicos computacionais. As autoras descrevem como um evento realizado sobre programação pode abrir espaço para a democratização do saber sobre esse tipo de conhecimento que permeia a vida digital em nossos dias, o que pode servir para um letramento autônomo dos envolvidos.

Por fim, para enfatizar a importância de abordagens múltiplas sugeridas nesta edição, Oliveira, Klein e Szmoski analisaram o processamento cognitivo do palavrão, tomando como base os sentidos literal e figurado. Os autores concluem, a partir de metodologia de análise com testes realizados por ferramentas digitais (como o eye-tracking), que o palavrão é um objeto altamente presente no processamento cognitivo, ainda que possa sofrer restrições sociais.

Como se viu, foram muito bem-vindos trabalhos relativos a diferentes abordagens. Assim, a ideia de congregar diferentes trabalhos (e perspectivas) sobre o uso de tecnologia digital de modo a se traçar um panorama de conquistas, desafios e perspectivas que o uso desse tipo de ferramenta oferece ao pesquisador da linguagem nos parece ter sido alcançada. Ademais, os artigos que saem publicados neste número especial servem também como amostra da maneira como as humanidades digitais têm permeado a vida social, especialmente a on-line, e de como a universidade reage e reflete criticamente sobre as possibilidades que se abrem, seja no campo do ensino, das redes sociais, da escrita automatizada, seja na forma como interagimos com tais produções.

Antes de terminar esta apresentação, queremos recordar o brilhante trabalho dos pareceristas, os quais tiveram a tarefa de contribuir para a qualidade dos textos. Foram mais de 30 avaliações ao todo, com colaboradores do Brasil e do exterior. Agradecemos o cuidado que tiveram em apontar suas considerações para que os autores pudessem apresentar a melhor versão de suas pesquisas e experiências. Também somos muito gratos à equipe da Revista da Abralín, que tão bem nos acolheu e com eficiência levou a cabo a finalização deste dossiê. Finalmente, agradecemos à Fapescc (termo 2021TR1510) e ao CNPq (processo 420520/2022-8), por terem apoiado nossos projetos relacionados às humanidades digitais, os quais nos inspiraram a propor essa chamada temática.

A pesquisa não para por aqui. Conclamamos os pesquisadores, sobretudo os brasileiros, a manterem a resiliência que a tarefa de pesquisa exige em nosso contexto para que possamos trazer cada vez mais contribuições para o campo das humanidades digitais, em especial no que toca aos desafios impostos por tantas que se nos apresentam.

E aos leitores deste dossiê, desejamos uma ótima leitura!